

Categoria IV

Ensino Médio

Ensino Médio - 1º LUGAR

Julia Stolear Kilimnic

São Paulo, 10 de julho de 2020

Abby,

Minha mãe descobriu um site que mostra os casos de COVID por bairro. Foram cinco só no meu quarteirão e dois no meu prédio. A portuguesa do nono andar está internada, e a moça do apartamento de porta vermelha, quarentenada na casa dela. Sempre que eu ficava presa para fora de casa (o que, ano passado, não foi poucas vezes), ela perguntava se eu não queria esperar lá dentro. Nunca fiquei sabendo o nome dela.

De uma situação ruim para outra, Abby, o que você se arrepende de não ter feito? Ontem eu deitei em minha cama e pensei na última vez que fui para um restaurante, e consegui sentir o gosto de fim de verão na minha boca como se fosse ontem, mas meu calendário diz que faz quatro meses. Como o verão está sendo para você aí em cima? Cento e trinta e cinco mil mortes no seu pedaço do mundo. Sessenta e nove mil no meu.

Já que estamos falando em números: eu já li quarenta e três livros desde que a quarentena começou. Em abril eu me inscrevi em dois cursos online e não participei de nenhum, escrevi cinquenta mil palavras de uma história e não encostei mais nela. Eu assisti *Avatar: The Last Airbender* mais de duas vezes, e *She-Ra*, e escrevi mais vinte e quatro mil palavras nas últimas duas semanas. Você também escreve, então eu acho que vai entender o que quero dizer, quando eu digo que parecia que elas sangravam de mim, como uma ferida que eu não deixava fechar, tentando ver o quanto de *bom* podia sair da minha pele. Você não vai entender o que eu quero dizer quando eu digo que o corpo é sempre uma ferida e a ferida é sempre a filha mais velha, mas escrevi isso em um poema uma vez e você achou lindo. Lindo. Se eu somar as palavras dos últimos quatro meses, dá mais do que o número de mortes.

É aqui que eu provavelmente deveria colocar algum comentário sobre os desastres políticos nos nossos respectivos países, mas isso é normalmente um assunto para o IMessage durante a aula de Física. O comércio abriu de novo -- acho que mencionei para você. A pandemia parece ter causado os desastres, mas ela só exacerbou o fato de que nenhum dos sistemas nesse lugar está equipado para lidar com uma crise dessas. Consequência desse estágio do capitalismo número 1001: às vezes eu tenho tanto medo de não ser produtiva que não consigo respirar. Mas você sabe disso.

Esses últimos meses me renderam pelo menos dez poemas de amor endereçados a alguém que eu não conheço. Não consigo parar de pensar naquela frase da Caitlyn Siehl, sobre pessoas que escrevem sobre amor sem estarem apaixonadas. *Olha o quanto eu consigo machucar sem ajuda. Olha o quão cheia de ninguém eu posso ser sem quebrar.* Meu poeta preferido diz que o corpo é, em seu melhor, a ânsia por outro corpo. Eu escrevi sobre essa menina em muitas situações, mas em nenhuma delas ela me olhou nos olhos.

Mas! De qualquer jeito, saudades de você. Nem acredito que a gente não conseguiu entrar no Zoom para acabar de assistir *Avatar: The Last Airbender*. A terceira temporada é a melhor! Você já cansou de me ouvir falar sobre o arco de personagem do Zuko, mas agora só abro a boca para falar disso. Tenho que ir, mas fique bem. Lave as mãos, não esqueça da máscara. Ah -- você sobreviveu ao Quatro de Julho com seus avós? Nacionalismo me assusta.

Sinceramente,

Julia.

Ensino Médio - 2º LUGAR

Beatriz Wainstock Benchimol

São Paulo, 15 de julho de 2020

Querida Sarah, espero que você esteja bem. Fiquei triste em saber que a segunda onda do coronavírus chegou aí em Israel e os casos decolaram. Estamos juntas nessa, não se preocupe, tenha paciência, pois um dia (apesar de parecer clichê) tudo vai passar.

Deixa eu te contar um pouquinho do que se passa no meu “quadrado”. Já virou piada ouvir da mídia brasileira sobre o pico da Covid-19. É sempre na semana que vem e ele nunca chega de verdade. Assim como esta, milhares de outras notícias são distorcidas, incertas ou falsas. Estamos à mercê de um governo que, infelizmente, prefere “abafar o caso”, minimizando a gravidade da situação e refutando as evidências claras. Salve-se quem puder nessa terra de ninguém.

Os ponteiros do relógio aqui em casa andam normalmente, apesar de o tempo e de o espaço parecerem parados. Precisei me reinventar buscando alternativas que dissessem “xô” à monotonia: leio romances com finais felizes, assisto às comédias da Netflix ao lado de uma porção generosa de pipoca, faço aulas virtuais que vão desde jardinagem à aritmética, devoro sozinha uma tigela de brigadeiro, agarro meu cachorro, pulo, danço e canto. Isso sem contar os papos pelo *Zoom* com meus amigos (topa?). Quando a gargalhada acaba e o assunto termina, continuamos nos encarando só para nos sentirmos pertinho uns dos outros, é um calor humano que transcende a telinha, difícil explicar essa sensação em palavras. O tédio é tão grande que até fiz as pazes com a vassoura, minha casa nunca esteve tão limpa como agora. Fiquei viciada em faxina! Afinal a velha desculpa da falta de tempo não cabe neste contexto.

Confesso que, por vezes, sinto uma angústia apertando meu coração. Tenho medo do que me espera adiante. Pergunto-me como será essa nova vida “normal”. Imagino que essa não seja uma dúvida somente minha e sim coletiva. Falando em

uma comunidade maior, observo que as pessoas estão voltando a entender o significado de palavras e atitudes afetivas. Contrariando a lógica e surpreendendo todas as estatísticas, me deparo com inúmeras histórias de pessoas que dividem o pouco que têm com os outros. Sabem que sua carência é grande, mas que tem gente em completa miséria e que qualquer bondade, desde verdadeiros atos heroicos até demonstrações de carinho com um “simples” gesto de acalento, pode fazer com que o mundo em que vivemos se torne um pouco melhor.

Assim vejo que, mesmo diante deste caos, conseguimos extrair algo de bom. Percebo a vulnerabilidade da vida, o valor de estar vivo e como é imprescindível aproveitar cada minuto, pois o amanhã é uma incógnita. Entendo que existem coisas que fogem ao nosso controle e derrubam totalmente nossa onipotência. Aprendo que mãos dadas não dependem do toque físico e que não precisa estar presente para estar junto de alguém.

Receba meu abraço afetuoso, daqueles bem apertados, e lembre-se da famosa frase da lenda do rei: “isso também vai passar”. Saudades... Cuide-se.

Beijos,

Bia

Ensino Médio - 3º LUGAR

Mariana Scobar Grimberg

São Paulo, 18 de Julho de 2020

Querida Carole,

Que saudade, faz um longo tempo que não nos vemos! Ainda mais nesta situação de isolamento que enfrentamos todos juntos. Desde a última vez que você veio nos visitar no Brasil, em novembro de 2019, as coisas por aqui mudaram demais. O contato com os amigos e familiares é muito limitado, é através de telas que sabemos das novidades, ou se for pessoalmente é a um metro e meio de distância e com máscaras. Ficamos em casa praticamente o mês inteiro, saímos no máximo para ir fazer alguma compra, estou estudando pelo computador e não há nem mais o estresse de chegar no horário na aula, ou em algum compromisso.

Todo este tempo que estamos de quarentena me provocou uma grande reflexão sobre o modo que vivemos. Antes eu não apreciava tanto a interação presencial com meus amigos, mas agora é quase uma necessidade falar com eles todo dia, talvez para manter a minha sanidade mental. Sei que aí na França o cenário também não foi muito agradável. Lembro quando você me falou que estava super preocupada em relação com as notícias alarmantes. E não foi à toa. Aí o coronavírus abalou muito a vida de vocês, provocou mais de 29 mil mortes. Lembro de nos falarmos, eu tentar te acalmar, e agora sou eu que estou passando pela mesma situação, enquanto aí as coisas começam a fluir novamente.

Cá, você me mostrou como ter calma, e eu ainda sigo suas dicas de praticar exercícios físicos todos os dias, manter o contato mais saudável com as minhas irmãs e pais, apesar de às vezes elas me deixarem louca. Acho que você sabe o quanto eu amo praia, mas, como está tudo limitado, tenho tomado sol da janela do meu quarto. É a partir dela que vejo a cidade, o Pico do Jaraguá e, do outro lado, a Avenida Paulista, mas essas paisagens apenas me dão mais vontade de viajar e passear. No Brasil, as coisas continuam complicadas, há um acréscimo médio de quase mil mortes

por dia, os comércios abrem e fecham em São Paulo, as determinações mudam a cada dia, e as previsões para volta à possível normalidade mostram perspectivas cada vez mais difíceis para a volta de como tudo era antes.

Realmente não vejo a hora de poder sair de casa sem a preocupação de esquecer a máscara ou não esquecer de passar álcool em gel, ou, até mesmo, se encontrar alguém na rua, poder abraçar. Mas ainda vai demorar este estágio de normal. Agora só quero voltar a ter aulas normais, ir à praia sem ser barrada e abraçar todos. Acho que, como aí, vamos ter uma realidade nova, sempre higienizando as mãos e tomando o cuidado ao espirrar e tossir. Será que um dia tudo volta como era, ou vamos sempre ter uma agonia de reviver um período como este?

Beijos,

Mariana Grimberg

Ensino Médio - 3º LUGAR

Paula Frischer

20/7/2020, Final de Julho de 2020

Para: Sarah

País: Finlândia

Querida amiga,

Como está tudo aí?? Imagino e espero que bem! Venho acompanhado as notícias de como Sanna Marin (sua primeira-ministra) lidou muito bem com toda essa situação. Achei sensacionais suas soluções rápidas de fechada e sua ideia de reabertura “híbrida” (em que se decidiu reabrir o país de forma gradual e aumentar as ações de testar a população e assim rastrear e isolar quem ainda estava infectado). Pessoalmente a vejo como um incrível exemplo de liderança e de mulher na política.

Aqui a condição foi completamente o oposto. Entendo que, antes de o vírus oficialmente chegar ao Brasil, não tínhamos muita noção de como a doença se manifestaria em um país tão grande e desigual quanto o nosso, porém um dos pontos que mais me incomoda é que quando o novo coronavírus chegou já existiam outras “medidas prontas” e exemplos de como conter tudo, era uma questão de “copia e cola” (a partir do que vimos que estava funcionando em outros países e modificarmos para o nosso), mas não foi isso o que aconteceu... A situação toda foi extremamente banalizada, além de não termos nenhum tipo de liderança ou organização, o que cada vez mais desmotiva o povo e acaba com nossas esperanças.

Para mim a quarentena em si foi uma oportunidade de focar muito no meu auto descobrimento e desenvolvimento próprio, e acabou representando um momento de muita conexão comigo mesma (tanto nos ápices quanto nos momentos baixos). Sinto que toda essa experiência pode ser realmente comparada com uma “grande montanha russa” em que muito rápido oscilamos dos nossos melhores para piores

momentos e sentimentos, e temos que aprender (no caso ainda estou aprendendo) a realmente lidar com nós mesmos/mesmas.

Sinto que, por eu ser uma pessoa “mais sensível”, o que está acontecendo me afeta muito, não consigo simplesmente ignorar e fingir que tudo não existe, como várias outras pessoas. Pessoalmente fico em extremo choque com o nível de egoísmo e egocentrismo que tenho visto.

Acredito que uma das coisas que mais me deixa nervosa em relação ao isolamento social é que aqui por enquanto não temos nem como fazer nenhum tipo de plano “que nos motive” (porque realmente não temos noção do que está para vir e de como tudo vai voltar ou até como vamos lidar com essa suposta volta). Me sinto extremamente impotente, e que independente do que eu penso ou faço nada vai minimamente mudar (tanto na minha vida e vivência pessoal quanto na de pessoas que estão em situações “muito piores” que eu), além de constantemente me sentir egoísta por todo este privilégio que tenho e mesmo assim estar sofrendo com toda a situação e de um certo modo ainda tentando me acostumar com ela.

Atenciosamente e com muito carinho,

Paula F.